

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS

**A SUBALTERNIDADE, RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO  
DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE**

Elisângela Gomes dos Santos

Rio de Janeiro  
2020

Elisângela Gomes dos Santos

**A SULBATERNIDADE, RESISTÊNCIA E EMPODERAMENTO  
DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito  
parcial para a obtenção do título de Licenciado em  
Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto

Rio de Janeiro

2020



## **DEDICATÓRIA**

Dedico a conclusão deste trabalho em primeiro lugar a Deus, pois dele, para Ele e por Ele são todas as coisas. A minha família, meu esposo por me incentivarem a concluir esse trabalho, pela paciência e compreensão nos momentos de dificuldades. Dedico aos amigos que me auxiliaram, para que fosse possível a realização desta pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por me dá sabedoria para realização deste trabalho.

Agradeço também aos meus colegas discentes e principalmente a minha família pelo apoio que me dedicaram, para que eu vencesse cada etapa deste projeto.

Aos professores, ao meu orientador e a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação e em especial pela minha amiga Luciene Farinelli pelo conhecimento e aprendizado compartilhado.

## EPIGRAFE

Sou forte, sou guerreira,  
Tenho nas veias sangue de ancestrais.  
Levo a vida num ritmo de poema-canção,  
Mesmo que haja versos assimétricos,  
Mesmo que rabisquem, às vezes,  
A poesia do meu ser,  
Mesmo assim, tenho este mantra em meu  
coração:  
“Nunca me verás caída ao chão.”  
(Esmeralda Ribeiro)

## **RESUMO**

O presente trabalho visa analisar o papel da mulher negra dentro da literatura brasileira, visto que esta dialoga com padrões vigentes, e, pretende mostrar como personagens femininas se insurgiram contra a hegemonia eurocêntrica, deferindo suas vozes dentro do cânone brasileiro. Objetiva descortinar por meio da escrita afrocentista o rompimento do estereótipo marginal, subalterno e sexista impregnado a mulher negra. Dentro dos padrões literários nacionais é visível a supressão de produções negras visto que estas são segregadas e esquecidas, uma condição que ultrapassa séculos e as tornam quase invisíveis na história. A explicação para tal dá-se ao fato de que as mulheres eram postas de lado, quase sempre privadas de educação consequentemente estéreis de escrita. Com este trabalho pretende-se demonstrar que personagens negras na literatura, antes subalterna, marginalizada, lascivas e sob o domínio branco, agora têm sido retratadas não mais como simples coadjuvantes, mas como protagonistas de suas vidas, resistentes, empoderadas que gritam e se fazem ouvir dentro da sociedade. Eis que surge uma nova literatura onde o discurso afrocentista tem voz e cuja identidade não é mais maquiada.

**PALAVRAS-CHAVE: Mulher Negra, Literatura, Subalternidade, Resistência e Empoderamento**

## **ABSTRACT**

The present work aims to analyze the role of black women within Brazilian literature, as this dialogues with current standards, and intends to show how female characters have risen up against Eurocentric hegemony, deferring their voices within the Brazilian canon. It aims to reveal through the Afrocentric writing the breaking of the marginal, subordinate and sexist stereotype impregnated the black woman. Within the national literary standards, the suppression of black productions is visible since they are segregated and forgotten, a condition that goes back centuries and makes them almost invisible in history. The explanation for this is due to the fact that women were left out, almost always deprived of education and consequently sterile of writing. The aim of this work is to demonstrate that black characters in literature, previously subordinate, marginalized, lascivious and under white controlled, have now been portrayed no longer as supporting, but as protagonists of their lives, resistant, empowered, who scream and make themselves listen within society. This is where a new literature emerges where the Afrocentric discourse has a voice and whose identity is no longer made-up.

**KEYWORDS: Black Woman, Literature, Subalternity, Resistance and**

**Empowerment**



## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>09</b> |
| <b>2. DESENVOLVIMENTO.....</b>  | <b>11</b> |
| 2.1 A Mulher Negra na Literatura.....   | 11        |
| 2.2. Negritude .....  | 14        |
| 2.3 Escritoras Negras no Brasil .....   | 15        |
| <b>3. A Resistência da Mulher Negra na Poesia de Cristiane Sobral</b><br>.....      | <b>20</b> |
| <b>4. O Empoderamento da Mulher Negra nos contos de Conceição Evaristo</b><br>..... | <b>24</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>30</b> |
| <b>6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>   | <b>31</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

O tema racismo está em alta e é comum vermos na mídia em geral pessoas afro descendentes sendo discriminadas e sofrendo agressões verbais, morais e até físicas. No que se refere à mulher e em especial mulher negra essa violência é ainda mais acentuada. Vivemos em uma sociedade machista onde a figura feminina por si só já é condicionada a serviços e patentes inferiores à dos homens, e, na literatura não é diferente. Porém, escritoras negras visando romper com esta padronização branca, servem como instrumento proclamador da identidade negra disseminando um olhar crítico para a sociedade que mesmo nos dias atuais menospreza as narrativas de cunho afro na Literatura nacional. A escassez de obras negras priva o público de conhecer personagens e diegeses magníficas pelo simples racismo que impera desde os tempos da escravidão.

No dia da minha formatura fui presenteada por minha patroa com o livro: *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de Conceição Evaristo, naquele momento não fazia ideia de que alguns contos presentes na obra se familiarizavam com a minha própria história. O interesse por este tema nasceu exatamente ali nas linhas dessas narrativas que exibem as dificuldades, a resiliência, a coragem e a capacidade da mulher negra em se sobrepôr aos obstáculos que continuamente vivenciamos devido a nossa raça. Não se trata de uma predicação vitimista e sim de um remodelamento da figura desta mulher que durante anos vem sendo erroneamente pintada.

O presente trabalho visa analisar o papel da mulher negra dentro da literatura brasileira, visto que esta dialoga com padrões vigentes, e, pretende mostrar como personagens femininas se insurgiram contra a hegemonia eurocêntrica, deferindo suas vozes dentro do cânone brasileiro. Objetiva descortinar por meio da escrita afrocentista o rompimento do estereótipo marginal, subalterno e sexista impregnado a mulher negra.

Como embasamento teórico do presente estudo, consultar-se-ão, diferentes autores, artigos científicos, revistas ou sites que falam sobre a representação da mulher negra. Para a realização desta pesquisa o método utilizado será descritivo de caráter bibliográfico, onde faremos uso de contos do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de Conceição Evaristo e de dois poemas da Escritora Cristiane Sobral.

Nos primeiros capítulos daremos uma breve visão do posicionamento da mulher negra na literatura, do conceito do movimento denominado Negritude e apontaremos escritoras negras contemporâneas.

No terceiro capítulo faremos uma análise de dois poemas da autora Cristiane Sobral sinalizando a renitência, a firmeza e a determinação das personagens afros remodelando o papel da negra na sociedade.

No quarto capítulo exaltaremos a emancipação, autonomia e autorrepresentação da negra por meio da análise de dois contos da escritora Conceição Evaristo.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 A Mulher Negra na Literatura

<sup>1</sup>Na Literatura brasileira, a participação da mulher negra até o momento pode ser conceituada como apoucada, visto que, o índice de autoras e personagens afrodescendentes nas obras evidencia uma homogeneidade racial que não condiz com a verdade de nossa sociedade. Estudos realizados pela Universidade de Brasília (UNB) denotam que num período de 14 anos após a verificação de 258 obras os destaques ainda são das personagens brancas totalizando um percentual de quase 80%, bem como, apuram somente seis autoras negras na atualidade. Sobre este aspecto, Evaristo, cujos alguns contos serão objetos de análises neste trabalho, diz “À mulher negra se espera que ela faça muita coisa: cozinhe, dance, cuide de uma casa. Há todo um processo histórico que colocou essa mulher em determinadas posições. Não se acredita muito na competência dela pra escrever”.

A escassez da “literatura negra” influencia negativamente na representação social, porquanto a invisibilidade de nossa raça leva a ideia errônea de que estamos num país homogêneo.

Falar da negra no âmbito literário brasileiro é explorar tanto a sua representação quanto a autoafirmação destas na história. É proferir vozes esquecidas que ficaram à margem, monitoradas e contidas pela hegemonia patriarcal. Não somente as negras, mas as mulheres em geral, por décadas foram desapossadas de atuarem culturalmente em nosso país e no mundo, sendo sujeitas aos recintos religiosos e domésticos, engessadas juntamente com suas memórias que eram vistas apenas em apontamentos pessoais tais como cartas, narrativas orais e outras. As mulheres sempre foram menosprezadas tendo suas vozes indeferidas no cânone por séculos. Para BEAUVOIR, (1961, p.91): “A sociedade sempre foi masculina; o poder político sempre esteve nas mãos dos homens”.

Em nossa Literatura a mulher negra sempre foi reproduzida de forma ínfima, salientada como objeto sexual, uma serviçal, cujas qualidades estão restritas a sedução, força braçal e subserviência. Vê-se o retrato da subalternidade e estereotipo da personagem negra em obras como: *O cortiço*, Aluísio de Azevedo; *Tenda dos*

---

<sup>1</sup><https://exame.com/brasil/presenca-da-mulher-negra-na-literatura-ainda-e-pequena/>

*Milagres*, de Jorge Amado, *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, *Essa Negra Fulô* de Jorge de Lima. Em tais obras a negra é “pintada” sempre como a empregada, a babá ou objeto de desejo.

Sobre este aspecto discorre Queiroz Junior:

[...] são reconhecidas suas habilidades culinárias, via de regra, sua higiene, sua resistência física ao trabalho, sua saúde, sua solidariedade, sua beleza perturbadora, sua sensualidade irresistível, seus artifícios de sedução, a que sabe recorrer, quando canta dança e se enfeita. Já a soma de seus defeitos é constituída pela falta de moralidade, por sua irresponsabilidade, por ser muito pródiga sempre. (QUEIROZ JUNIOR, 1975, p.123)

Sob a mesma análise, Campos (2008, p.03), enfatiza que: “A mulher negra também não aparece como musa, heroína ou romântica. A representação literária da mulher negra é ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e /ou corpo-objeto de prazer.

<sup>2</sup>Se olharmos mais profundamente as criações literárias brasileiras é possível afirmar que tais obras homologam a figura da negra em sociedade, corrompendo e alterando o seu verdadeiro papel. A maioria das reproduções da negra na literatura era fundamentada em pensamentos sexistas e discriminações étnico-raciais. O esforço pela representação e autorrepresentação, bem como, a ruptura desta figura depreciada, habitualmente presente em nosso acervo, dá-se no resgate da compreensão que estas mulheres têm quando se reúnem para escrever exprimindo seu verdadeiro eu poético que agora tem voz e expressa seus sentimentos, batalhas, conflitos, dores, reminiscência e conseqüentemente sua história. Tendo a narrativa sob suas rédeas a figura feminina negra pode assim quebrar os estereótipos e estigmas impostos sobre elas durante tanto tempo em nossa literatura.

assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco [...], buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, *Grau Zero — Revista de Crítica Cultural*, v.3, n. 1, 2015 | 81 mulher e negra (EVARISTO, 2005a, p. 205, grifo da autora).

---

<sup>2</sup> Grau zero- Revista de Crítica Cultural, v.3,n.1,2015

Se outrora tínhamos nas obras a figura negra tosada e tipificada pela supremacia branca tal onde a lascívia, a servidão e subalternidade eram as características das personagens agora verificamos que as mesmas sofrem uma transformação nas escritas de afro-brasileiros que tecem e dão novo significado ao papel desta mulher na literatura. Tal mudança só foi possível com o surgimento do movimento Negritude.

## 2.2. Negritude

Com origem nos Estados Unidos o movimento denominado Negritude tomou consistência na França. Inicialmente sua função foi desatar o negro das imposições eurocêntricas. Mas, para entendermos melhor esta corrente faz-se necessário um breve passeio histórico no contexto escravocrata e colonial, que fez do negro um ser alienado e inferiorizado em toda sua legitimidade, desassociando-o de suas raízes e o assemelhando a cultura de seus colonizadores com fins de “embranquecê-los”. Quando se dá a ruptura desta autocracia, a revolta, inicia-se então o resgate de sua identidade.

O colonizador, embora usufruindo das riquezas encontradas no mundo africano estabeleceu sua supremacia a partir de sua cor, condicionando o negro a um indivíduo desprovido da capacidade de raciocínio e inteligência, assemelhando-o a um animal, fazendo-o duvidar e até mesmo de suas competências, aniquilando sua idoneidade, negando sua raça, tomando pra si designações que o deprecia e o anula como ser humano.

Para convencer o negro de sua insignificância, os europeus utilizam-se de vários mecanismos repressores e todo o tipo de violência física e emocional. Com discursos pseudojustificativos, através da ontologia, epistemologia e teologia abreviando-o a uma condição pouco maior que a de um primata, incapazes de pensar e por fim sendo uma maldição dada por Deus.

A desvalorização do negro colonizado estende-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte, etc. Seu continente é quente demais, de clima viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e à eterna dependência. O ser negro é uma degeneração devida à temperatura

excessivamente quente. O colonizado é assim remodelado em uma série de negações que, somadas, constituem um retrato-acusação, uma imagem mítica. (MUNANGA. 1988,p.12)

Assim a sociedade colonial deu início ao processo de embranquecimento, uma vez que os colonizados estavam despidos de si mesmos. Tal método constitui-se de duas maneiras. Sendo a primeira, torna-se mais parecido o possível com o branco objetivando ser aceito, reconhecido e possuidor de direitos, adquirindo costumes e valores do colonizador como: vestes, alimentação, a substituição da língua materna pela língua invasora e a segunda, por meio da miscigenação, com as relações sexuais permitidas somente entre o branco e a negra e nunca ao contrário, todavia esta união se dava num contexto não matrimonial e sim por meio de abusos. Já o jovem negro e intelectualizado tinha como meta embranquecer-se através do coito com uma loira para descaracterizar seus próprios traços.

Uma vez desiludido, o negro rejeita sua semelhança com o branco e sai no resgate de si mesmo. Aprovando-se, agora ele sairá em busca de autoafirmação tentando restabelecer sua cultura quer no plano físico, psicológico ou moral e isto com veemência, olhando-se como um ser dotado de qualidades e defeitos, beleza e feiura e não mais como um indivíduo anormal como lhe fora impregnado pela colonização. Sobre isto discorre Munanga:

Com o passar do tempo, o discurso científico se populariza através de uma estereotipação negativa do negro, e acabou se transformando numa pressão psicológica. Daí, a familiarização do negro com o retrato negativo contra ele forjado; a interiorização desse retrato, levando-o finalmente a uma alienação total. Uma vez atingida essa fase, ao negro se apresentava uma alternativa: eliminar a diferença assemelhar-se ao branco, trocando a pele física, cultural e intelectualmente. Esta troca da pele devia resultar na integração social do negro no mundo dominado pelo branco. Infelizmente, o negro já alienado e culturalmente desestruturado não foi integrado no mundo dos brancos apesar de seus esforços de assimilar este último. Esta recusa de integração que se traduz na manutenção da desigualdade por parte do dominador branco provoca a revolta do negro e, finalmente, a ruptura com o sistema escravocrata e colonial. O negro se dá conta de que a sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar. A essa retomada, a essa afirmação dos valores da civilização do mundo negro deu-se o nome de "negritude" (MUNANGA, 1986. P.33-49).

Inicia-se então um movimento chamado Negritude que visa libertar-se do domínio estrangeiro e voltar às raízes. Em si a Negritude pode ser vista como

oposição, resistência, repulsa contra ditadura europeia, rejeição a todo pensamento que lhes foram impostos, um não a assimilação de seus colonizadores e a declaração da originalidade da África e uma exaltação a cultura e a cor negra. No âmbito psicológico, a negritude seria o agrupamento das peculiaridades do negro em suas ações, emoções, sentimentos e personalidade.

Em consequência deste movimento vemos novos discursos na literatura onde é possível identificar a personagem negra figurada não somente como um objeto de desejo e sim também como uma voz denunciativa que não aceita mais a opressão imposta de seus senhores e sociedade rompendo com a submissão. Esta representação da mulher negra espelha um indivíduo que tem autonomia, que sabe o que quer e que luta por seu lugar dentro da sociedade. Exemplificando este novo modelo, vemos a réplica de Oliveira Silveira na obra *Outra Negra Fulô* que quebra e se opõe totalmente a personagem explorada, subalterna e inferiorizada de Jorge de Lima. Os escritores (as) negros assumem então o papel de expor as competências intelectuais da sua raça, reinventando e reescrevendo sua história a partir de suas próprias experiências dando voz a quem outrora eram manipulados e subjugados.

### 2.3 Escritoras Negras no Brasil

<sup>3</sup>Segundo matéria publicada pelo jornal *O Globo* autores homens e brancos ainda imperam no mercado editorial nacional e mesmo sendo constatado que houve um aumento nas publicações das vozes negras, é perceptível que as grandes editoras seguem colocando seu selo em “obras masculinas e brancas” deixando para empresas menores assinarem os discursos negros e femininos. Diante do crescimento destas outras vozes, vários estudos têm como cerne as escritoras negras e suas obras que mostram as dificuldades e experiências pessoais e os impedimentos da afirmação da identidade negra bem como assuntos essenciais pertinentes ao seu papel dentro da sociedade.

<sup>4</sup>Com intuito de discorrer sobre criações literárias afrodescendentes em nosso país, inicialmente faz-se necessário avaliar a constituição do cânone brasileiro. Para

---

<sup>3</sup><https://oglobo.globo.com/celina/autoras-negras-brasileiras-ainda-sao-pouco-publicadas-por-grandes-editoras-seja-na-literatura-ou-na-nao-ficcao-23911632#:~:text=A%20publica%C3%A7%C3%A3o%20re%C3%BAne%2024%20textos,%2C%20Sueli%20Carneiro%2C%20entre%20outras>

<sup>4</sup>ev. Educ., Cult. Soc., Sinop/MT/Brasil, v. 9, n. 1, p. 110-124, jan./jun. 2019. 124

Mazzoni (2015) o Cânone literário estabeleceu-se a partir de uma concepção individualista do século XX e dessa forma apresenta parâmetros a serem adotados. A maior parte de seus literatos é formada por pessoas do sexo masculino, elitizados e de etnia branca.

Os autores e autoras que não preencheram (ou não preenchem) esses requisitos do cânone forma (ou são) considerados “autores menores” ou de “menor valia” (quando inscritos nos rodapés das histórias), portanto, não sendo (ou não são) incluídos nas páginas de seus compêndios, quando não totalmente esquecidos pela omissão (MAZZONI, 2015, p.3).

Dentro dos padrões literários nacionais é visível a supressão de produções negras visto que estas são segregadas e esquecidas, uma condição que ultrapassa séculos e as tornam quase invisíveis na história. A explicação para tal dá-se ao fato de que as mulheres eram postas de lado, quase sempre privadas de educação consequentemente estéreis de escrita.

As obras de autoras negras têm em suas composições histórias riquíssimas e títulos de alta qualidade, porém, são frequentemente menosprezadas pela grande massa. É possível identificar nestes acervos vivências das autoras, experiências do cotidiano peculiares que coincidem com a história de vida de muitas pessoas como também adquirir um olhar diversificado sobre questões diversas. Abaixo listamos cinco das muitas autoras negras brasileiras e suas obras.<sup>5</sup>

- Maria Firmina dos Reis (1822-1917) No cenário brasileiro, é citada como precursora de obras negras. Autora de um discurso antiescravagista, suas narrativas expunham os sofrimentos do negro e da mulher no século XIX. Maranhense, filha de uma escrava forra, a referida autora compôs o hino da abolição dos escravos. *Úrsula* seu romance publicado em 1859 é reconhecido como a primeira diegese

---

<sup>5</sup><https://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/>

feminina em nosso país. Criadora de uma escola mista e gratuita, Firmina empenhou-se em levar aos menos favorecidos a educação, a cultura e igualdade foi também musicista e compositora.

- Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977), natural de Minas gerais, era catadora de lixo e moradora de uma favela de SP. Nossa autora escrevia em seu “diário”, o que na verdade era páginas velhas encontradas nas lixeiras, sua rotina. A mesma declarou que, todas as vezes que não tinha o que comer, ao invés de praguejar, reclamar ou pensar na morte, ela escrevia. Uma dessas diversas anotações resultou em seu primeiro livro publicado em 1960 cujo título foi assinado como: *Quarto de Despejo – Diário de uma favelada*. Devido ao seu grande sucesso a narrativa que retratava o cotidiano da mulher negra, pobre, marginalizada foi traduzida para mais de 15 idiomas virando um *Best-seller* comercializado em 40 países. Seu acervo contém várias outras narrativas, algumas até póstumas, e são objeto de estudos socioculturais no Brasil. Carolina também assinou outras obras como: *Pedaços de Fome, Provérbios, Casa de Alvenaria* e mais seis obras póstumas.

- Ana Maria Gonçalves nasceu em 1970, natural de Minas Gerais apaixonou-se pela ilha de Itaparica na Bahia onde morou durante meia década e foi neste lugar que descobriu seu talento para escrita rendendo-se por completo desde então a literatura e a pluralidade cultural da dispersão africana pelo mundo. Sua primeira obra foi publicada em 2002 intitulada *Ao lado e à margem do que sentes por mim*. Porém foi através do livro *Um Defeito de Cor* 2006, que a autora se tornou conhecida em todo território nacional. Esta obra lhe rendeu o Prêmio Casa de Las Américas de 2006 de melhor romance. A ex publicitária luta pelo combate ao racismo e a igualdade racial.

- Cristiane Sobral natural do Rio de Janeiro (1974), de Senador Camará zona oeste tem 46 anos e atualmente reside em Brasília. Em 1989 começou seus serviços artísticos cursando o teatro Sesc terminando o espetáculo “Cenas do Cotidiano”. Na adolescência entrou para faculdade e também foi precursora personagem negra que alcançou o diploma de interpretação teatral pela Universidade de Brasília. Em 2000 começou na literatura colaborando em Cadernos Negros. Em síntese, Sobral desempenhou funções no teatro, vídeos, televisão e cinema. A atriz, colunista, dramaturga e escritora tem em seu acervo obras como: *Não Vou Mais Lavar os Pratos*, *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção*, *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* e outros. Dos quais destacaremos dois para objeto de estudo deste trabalho.
- Conceição Evaristo nasceu em 1946, também mineira, advinda de um lar pobre, na infância dividia-se entre os estudos e as lavagens de roupas e entregas que fazia juntamente com sua mãe e tia. Foi a primeira da família a ter nível superior. Sua carreira literária iniciou-se nos anos 90, período em que também cursou mestrado e posteriormente doutorado. Hoje é um dos ícones de nossa literatura. Reconhecida e homenageada do programa Ocupação Itaú Cultural em 2017. Escritora e educadora Evaristo, em suas narrativas, evidencia a condição da mulher negra, sua força, sua identidade e o faz por meio de um olhar significativo, expressivo e igualitário. Suas personagens são desenhadas com autenticidade. Seu acervo conta com romances, poemas, contos e antologias dentre os quais destacamos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* cujo alguns contos serão objeto de análise deste trabalho.

A criação dos modelos que a literatura esculpiu da figura negra é uma maneira de calar a mulher afrodescendente, reproduzindo-as sempre vestida de sexualidade, pobreza, servidão e condições desfavorecidas. É comum vermos personagens negras como empregadas, faveladas e sem escolaridade. Sendo assim, Machado diz:

A escrita afro feminina é, por excelência, representativa da cultura afro-brasileira e problematiza o espaço social que o negro ocupa (ou pleiteia) na sociedade. São personagens facilmente encontrados em favelas, subúrbios, morros, terreiros, enfim, em espaços marginais. Mais que isso, o negro, nesta escrita, frequentemente protagoniza cenas trágicas, polêmicas, marcadas pelo crime e violência. (MACHADO, 2012, p.136).

A literatura negra brasileira vem sendo traçada e erguida de autonomia. Identidade que está em desenvolvimento e que há de modificar-se e crescer posteriormente. A escrita feminina afrodescendentes evidencia uma transformação de postura que vai além de uma reformulação de características há uma variação de perspectivas. Nas obras negras a figura da mulher dá-se como sujeito-personagem não mais como mera figurante. As personagens agora desenhadas por escritoras negras recusam a criação pragmática e sequencial ao qual vinham sendo inseridas durante séculos.

Infelizmente, pode se observar que até o presente momento ainda há muitos obstáculos para as escritoras negras ingressarem no universo da escrita literária, e de alcançarem ascensão. Muitas vezes, sem o apoio advindo dos próprios entes queridos, estas mulheres também contam com dificuldades diversas e dentre elas a econômica. Cristiane Sobral e Conceição Evaristo enfrentaram diversas barreiras para conseguirem oportunidades a fim de darem visibilidades às suas produções. O conjunto de obras concretizadas por elas servem como forma de resistências contra todo tipo de preconceito e inferiorização que estas mulheres enfrentam. Em resumo, é notório o baixo número de autoras negras.

### **3. A Resistência da Mulher Negra na Poesia de Cristiane Sobral**

Com este trabalho pretende-se demonstrar que personagens negras na literatura, antes subalterna, marginalizada, lascivas e sob o domínio branco, agora

têm sido retratadas não mais como simples coadjuvantes, mas como protagonistas de suas vidas, resistentes, imponderadas que gritam e se fazem ouvir dentro da sociedade. Como objeto de estudo, analisaremos primeiramente os poemas “Não vou mais lavar os pratos” e “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” de Cristiane Sobral e posteriormente dois contos de Conceição Evaristo.<sup>6</sup>

Não vou mais lavar os pratos  
 Nem vou limpar a poeira dos móveis  
 Sinto muito. Comecei a ler  
 Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi  
 Não levo mais o lixo para a lixeira  
 Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal  
 Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos  
 a estética dos traços, a ética  
 A estática (...)

Já nos primeiros versos do poema é possível visualizar a condição de uma mulher serviçal que lava, tira a poeira, recolhe o lixo e etc. mas que, após dar início a leitura, por conseguinte, adquirir conhecimento, decide não mais continuar a fazer suas tarefas, pois tomou ciência de seu comportamento pré-estabelecido por uma sociedade machista eurocêntrica e então resolve desafiar e reposicionar seu papel nesta sociedade.

Sobral pontua o status desfavorecido do eu lírico ao abordar as relações étnicas e de gênero em seus versos. Sobre este aspecto Spivak (2012) disserta que a subalternidade está associada a marginalização, aos subúrbios, aos indivíduos menos favorecidos da sociedade, e sendo assim a nomenclatura “subalterno” se ajusta de forma significativa às negras visto que estas se constituíssem subalternizadas por dois motivos: serem mulheres e negras.

(...) Sinto muito  
 Agora que comecei a ler, quero entender  
 O porquê, por quê? E o porquê  
 Existem coisas  
 Eu li, e li, e li  
 Eu até sorri  
 E deixei o feijão queimar...

---

<sup>6</sup> <https://www.geledes.org.br/nao-vou-mais-lavar-os-pratos-poesia-de-cristiane-sobral/>

Olha que o feijão sempre demora a ficar pronto  
 Considere que os tempos agora são outros...  
 Ah,  
 Esqueci de dizer. Não vou mais  
 Resolvi ficar um tempo comigo  
 Resolvi ler sobre o que se passa conosco  
 Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou  
 De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi  
 você foi o que passou  
 Passou do limite, passou da medida, passou do alfabeto  
 Desalfabetizou

Esta figura antes subordinada rompe com seus afazeres e se recoloca de forma resistente diante do que lhe fora impregnado como algo comum, certo e aceitável para sua condição de mulher negra. A mulher *de Não vou mais lavar os pratos* nos mostra o poder transformador da educação, pois há uma mudança mental e comportamental da personagem após obter conhecimento, nisto vemos a crítica da autora em relação a educação em nosso país que não é igualitária não promovendo assim oportunidades à classe minoritária que tende sempre exercer as mesmas atividades profissionais.

Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira  
 Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá para cá  
 Desinfetarei as minhas mãos e não tocarei suas partes móveis  
 Não tocarei no álcool  
 Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler  
 Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar  
 Meu tênis do seu sapato  
 Minha gaveta das suas gravatas  
 Meu perfume do seu cheiro  
 Minha tela da sua moldura  
 Sendo assim, não lavo mais nada  
 e olho a sujeira no fundo do copo  
 Sempre chega o momento  
 De sacudir, de investir, de traduzir  
 Não lavo mais pratos

Nestes versos a condição de serva da “mulher dona de casa” que está sempre à mercê do marido e dos afazeres domésticos é quebrada, pois esta agora busca sua identidade, seu lugar que não será mais na figura do lar, esta mulher ambiciona outros ares, podendo ser o que ela quiser.

Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo  
 Em letras tamanho 18, espaço duplo  
 Aboli  
 Não lavo mais os pratos  
 Quero travessas de prata, cozinhas de luxo

E jóias de ouro  
Legítimas  
Está decretada a lei áurea.

As narrativas de Cristiane Sobral preconizam a questão social dos afrodescendentes no Brasil, fazendo-nos repensar que, embora a abolição da escravidão fora algo realizado em 1888, ainda nos dias atuais não alcançou uma realidade significativa para os negros, visto que, a estes ainda são destinados trabalhos inferiores, subalternado a aristocracia branca. O poema tem três momentos distintos. No primeiro o eu lírico é um ser manipulado, subserviente, no segundo o eu lírico tem contato com o conhecimento e sua sede aumenta levando-o a buscar mais e mais na leitura, podemos ver isto nos versos: “ Agora que comecei a ler, quero entender/ O Porquê, por quê? E o porquê/ Existem coisas”, e o terceiro momento evidencia a transformação que o conhecimento causa nele quebrando paradigmas, pois seus olhos se abriram e sua condição não é mais a mesma por isso ela quer “ travessas de prata, cozinhas de luxo e jóias de ouro legítimas” ou seja, ela toma pra si as coisas que outrora eram possíveis somente para as brancas.

A seguir vejamos o poema “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”.<sup>7</sup>

Escrevi aquela estória escura sim  
Soltei meu grito crioulo sem medo  
Pra você saber  
Faço questão de ser negra nessa cidade descolorida  
Doa a quem doer  
Faço questão de empinar meu cabelo cheio de poder  
Encresperei sempre  
Em meio a esta noite embriagada de trejeitos brancos e fúteis

Escrevi aquele conto negro bem sóbria  
Pra você perceber de uma vez por todas  
Que entre a minha pele e o papel que embrulha os seus cadernos  
Não há comparação parda cabível  
Há um oceano  
O mesmo mar cemitério que abriga os meus antepassados assassinados  
Por essa mesma escravidão que ainda nos oprime

Escrevi  
Escrevo  
Escreverei

Com letras garrafais  
Em vermelho vivo

<sup>7</sup> <https://cristianesobral.blogspot.com/2015/02/um-poema-do-livro-so-por-hoje-vou.html>

Pra você lembrar  
Que jorrou muito sangue.

Logo na primeira estrofe do poema são perceptíveis elementos denunciativos da resistência, ruptura de padronização e da imposição da identidade negra sobre a supremacia branca. O eu lírico afirma sua negritude ao citar suas características e dizer que: “Faço questão de empinar meu cabelo cheio de poder/Encresperei sempre”. Esta mulher se mostra rebelde e imponente quando se nega a alisar o cabelo afro para se enquadrar a estética branca. A personagem desvela o emponderamento de quem não aceita mais embranquecer-se para caber dentro de um paradigma de beleza e aceitação de uma sociedade que ela narra alegoricamente como: “(...) noite embriagada de trejeitos brancos e fúteis”. Na estrofe seguinte, a autora dá seguimento a esta crítica ao refutar qualquer tipo de abrandamento na descrição de sua cor e de seus traços assim como denota uma fala legitimamente racista nos versos “Pra você perceber de uma vez por todas/ Que entre a minha pele e o papel que embrulha os seus cadernos/ Não há comparação parda cabível/ Há um oceano”. E termina de forma vituperiosa ao trazer a memória os sofrimentos de seus ancestrais no verso: “Pra você lembrar/ Que jorrou muito sangue”. Sendo assim, podemos afirmar que obras de escritoras como Cristiane Sobral são capazes de descortinar um cenário eufemizado que manipula a real condição do negro na sociedade e leva o leitor a um posicionamento crítico ao evocar a trajetória do povo africano e seus descendentes da escravidão aos dias atuais. Contornando impedimentos étnicos e falocêntricos essas autoras negras seguem com uma produção literária de afrocentramento em insurgência a herança colonizadora. Em referência a isto Alves disserta:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio de seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira (ALVES, 2010, p.185).

#### **4. O Empoderamento da mulher negra nos contos de Conceição Evaristo**

<sup>8</sup>*Escrevivência* é um vocábulo criado por Conceição Evaristo cujo cerne tem como significado que a obra que cada autor negro produz está intimamente

---

<sup>8</sup> Grau zero- Revista de Crítica Cultural, v.3,n.1,2015

relacionada com suas experiências e associações, com o conhecimento de mundo que traz entronizado e estes são manifestos não somente como forma de arte, como também uma crítica que nos leva a uma reflexão profunda da condição do negro em sociedade. O termo foi empregado pela primeira vez em 2009, mais precisamente no dia 16 de outubro na *Conferência de Escritoras Brasileiras*, nos EUA.

A partir desta visão a literatura afrocentista está atrelada a história, quer seja pessoal ou coletiva, de um povo que busca pintar personagens sob a óptica negra com todas as suas peculiaridades repleta de significações, dando voz a quem outrora vivia amordaçado.

Miriam Alves elucida que:

Autonomear-se escritor de literatura negra é embrenhar-se nessa selva de significados, relações e inter-relações, procurando uma outra forma literária. A existência de uma literatura específica se dá através de um conjunto de significados e intenções, símbolos, estéticas e a tradução em arte dessa visão do mundo (ALVES, 2002, p. 235).

Evaristo em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* desvela aflições, sonhos, medos, tristezas e alegrias, escrevivências por meio de 13 personagens negras que resistiram a situações mais adversas e se reinventaram. Desta antologia separamos *Rose Dusreis* e *Regina Anastácia* para análise neste trabalho. A escolha dos referidos textos deu-se em virtude da autorrepresentação do eu-poético, mulher negra se sobrepondo, tomando as rédeas de seus destinos dando uma resignificação a suas histórias.

Rose Dusreis foi uma menina negra que almejava ser bailarina, bis neta do coronel Fonte dos Reis Menezes, fruto do coito escravagista comum entre os senhores e suas servas negras em tempos de senzala ela não podia ter o nome dos ancestrais ricos por isso, o sobrenome Dusreis foi aceito e adotado numa forma de distanciamento e ruptura com seus parentes brancos. Nascida em um lar pobre, esta amante da dança não tinha como pagar pelas aulas. Assistia aos ensaios do grupo de balé da escola e um dia imbuída de coragem propôs a professora de dança que a deixasse participar em troca dos serviços que sua mãe poderia prestar a docente, lavando suas roupas, atividade esta que Rose Dusreis sentiu orgulho em enfatizar que sua mãe exercia com maestria, entretanto ainda que a personagem ressaltasse em sua narrativa que a referida professora era só candura, ao ouvir sua proposta recebeu a primeira recusa das muitas que teria em seu caminho.

E, orgulhosamente, afirmei a grandeza profissional de minha mãe, que eu amava e admirava tanto. Anos depois, a cada dificuldade enfrentada para me profissionalizar, eu me lembrava da resposta que me foi dada naquele momento. Ternamente, Átila Bessa pousou a mão sobre minha cabeça me disse que o meu tipo físico não era para o balé. Eu tinha oito anos somente. Só com o passar do tempo pude entender o que foi dito naquela fala. (EVARISTO, 2016, p. 109)

Em seus primeiros anos escolares Dusreis sentiu na pele o racismo imposto pela hegemonia branca ao ser rechaçada por seu biótipo que segundo Átila Bessa não era compatível ao de uma bailarina. Neste trecho percebemos que A protagonista de nossa história conhecia bem a sua realidade econômica quando ofereceu os serviços de sua mãe como forma de pagamento, todavia até aquele instante não se dera conta de que além dos problemas financeiros ela também enfrentava o preconceito e a desigualdade étnica vigente em nossa sociedade. A criança pobre e negra não se enquadrava ao grupo e fora eufemicamente dispensada com um afago. Sobre este aspecto Silva (2008) declara que estamos diante de uma nova forma de racismo, algo comum no seio escolar, onde se faz o uso de métodos sutis a fim de demonstrar uma falsa aceitação e afeição como no gesto da professora que faz carinho na aluna Rose Dusreis para dispensá-la em seguida.

Nas linhas seguintes Evaristo registra outra manifestação de preconceito vivenciado pela futura bailarina. Dusreis fora cotada para encenar o papel de uma bonequinha negra numa festividade escolar. A pequena treinou incansavelmente, pois sonhava com a aprovação e aplausos de Átila Bessa, porém sem que a avisassem colocaram uma menina branca em seu lugar e a pintaram de preto. A verdadeira bonequinha negra, mesmo diante de atos tão cruéis, segue resiliente, determinada a realizar seu sonho, certa de que se a sociedade na figura de Bessa não a aprovava, ela encontraria um caminho de se fazer aceita e reconhecida.

Confiantemente eu dava os primeiros passos de exibição para uma platéia. Um dia, a própria professora Átila Bessa veio assistir aos ensaios, que estavam sob o encargo de outra professora, e elogiou o meu desempenho, dizendo que eu tinha muito jeito pra dança. Esperançosa, aguardei que ela me convidasse para ser sua aluna no balé. Aguardei não só o convite dela, mas a oportunidade de ser a bonequinha negra. E ainda esperei, também, alguma explicação sobre as razões da troca por outra menina. Aguardei o porquê da minha substituição, já na semana da festa, quando uma menina branca, pintada de preto, no meu lugar, fingiu ser a bonequinha negra que eu era. Mas nem as dores, as violências sofridas nessa época de infância, cuja

compreensão me fugia, tiveram a força de me fazer desistir. A cada dificuldade que me era apresentada, a minha determinação crescia, apesar de... E, se Átila Bessa não me aceitou, outros caminhos se abriam em minha direção. (EVARISTO, 2016, p. 110)

Um ano depois dos atos supracitados, nossa heroína teve seu lar dizimado após perder o pai, visto que o ganho que sua mãe tinha com as lavagens de roupa não supriam as necessidades da família. Rose e suas irmãs são repartidas para funções e locais diferentes. Coube a Dusreis ir parar uma congregação religiosa católica possuidora de vários educandários femininos e lá com as “Amadas do Calvário de Jesus”, caudatária, Rose aprende todos os afazeres domésticos como também recebe uma educação de qualidade em cuja grade, estavam o canto e o balé clássico o que lhe rendeu oportunidades e lhe abriu portas levando-a a cursar várias modalidades de dança dentro e fora do Brasil.

Acordava cedo, junto com outras meninas tão pobres quanto eu, para ajudarmos no preparo do café das meninas ricas. Aprendi todos os afazeres de uma casa. Descobri com o tempo que as irmãs vinda de famílias pobres eram as operárias, as domésticas, as agricultoras, enfim as trabalhadoras exploradas da instituição e nós as meninas sem posse alguma, éramos as suas auxiliares. Mas foi com professores religiosos e leigos, sob os cuidados das “Amadas do Calvário de Jesus”, que tive uma educação como se fosse uma jovem rica da época. (EVARISTO, 2016, p. 113)

É possível identificar no fragmento acima o poder transformador da educação que acrescido de resistência e perseverança da personagem fizeram com que ela rompesse barreiras tão sólidas sobrepujando a exclusão e ao racismo. Rose Dusreis tornou-se não somente uma bailarina, mas também uma empreendedora de sucesso, dona de uma academia de dança. Já quase no fim de sua narrativa, essa vencedora nos presenteia ao revelar que suas irmãs também conseguiram se sobrepor as dificuldades, transformando os enfrentamentos e adversidades em oportunidades.

Adiná, a mais velha, de tanto lidar com criança, como babá, aos poucos, em escolas noturnas, conquistou o diploma de professora. Penha e Fátima, as que ficavam sozinhas em casa, aprenderam a cozinhar cedo e a gerenciar uma casa. Juntas, depois de experimentarem também o trabalho doméstico em casas de família, já casadas e com filhos, com umas poucas economias abriram uma pequena pensão. Hoje o modesto hotel “Rosas Mil”. (EVARISTO, 2016, p. 143)

Regina Anastácia é uma cinderela às avessas que, ao contrário dos contos de fadas comuns da literatura, esta rainha, como Evaristo a nomeou, não precisou de

nenhum baile, ou vestido de festa, fada madrinha para conquistar o seu príncipe e seu título de rainha. Todas as nomenclaturas, qualidades honrosas que esta personagem adquiriu fora devido seu próprio esforço, determinação, resistência que logo nos primeiros relatos de sua narrativa, se faz perceptível (Evaristo 2016, p.128) “*Tomei em minhas mãos o cedro de meu destino e dei o rumo que quis a minha vida*”. A moça negra que residia em Rios Fundos, cidade de supremacia dantanhense, tinha no sangue a força de suas ancestrais, a renitência e a intrepidez advindos de sua mãe, a primeira da família a ter coragem de não se submeter aos D’Antanhos e romper com o poderio existente empreendendo ao montar uma tendinha para vender seus quitutes.

Os Antanhos eram donos de tudo e se consideravam donos das pessoas também, mas não me dobraram. Nem a mim, nem àquele que se rebelando contra própria família, se tornou o meu companheiro. Jorge D’Antanho. (...) E, para minha mãe, famosa pelos doces e pães, foi oferecida uma vaga na cozinha da maior padaria dos Antanhos. Ela não quis, para a surpresa de nossa família. Meu pai achou que ela devia aceitar e ponderou que dificilmente as pessoas iam deixar de comprar pães e doces na padaria dos patrões, para vir comprar em nossa casa, como acontecia no lugarejo que anteriormente morávamos. Minha mãe nem se assustou. (EVARISTO, 2016, p. 130-131)

Mesmo com todos os familiares a serviço dos donos da cidade, Saíba, mãe de Regina, quebra o monopólio quando rejeita a proposta de ser mais uma serviçal e monta seu próprio espaço de trabalho.

Nem o pessoal da cidade fechada, nem as pessoas da cidade aberta acreditavam que alguém pudesse sobreviver fora do poderio datanhense. Mas a força de minha mãe vinha do pessoal de outrora, principalmente das mulheres desde lá. E, feito a galinha que de grão em grão se sacia, a velha Saíba se fez. Além das entregas, todas as tardes, na frente da nossa casa, armávamos um tabuleiro, que ficava sempre e mais rodeado de fregueses. Um dia, ela pediu ao meu pai que erguesse uma pequena tendinha para ela, queria ter um balcão para colocar seus cestos. Ele atendeu o pedido. Um ano depois, na parte de cima da porta da tendinha toda pintada de amarelo, aparecia escrito em cima: “Saíba e Anastácia” e, no meio da porta, uma frase completava os nomes escritos em cima: “a arte própria de alimentar através do tempo”. (EVARISTO, 2016, p. 134-135)

Certo dia, esta jovem fora fazer uma entrega na casa dos D’Antanhos e é recebida pelo neto da família e foi amor à primeira vista. Contudo, mesmo o rapaz posteriormente cortejando-a, a mãe de Anastácia a adverte que o interesse do jovem branco era puro sexismo. Mas consciente de si e de seu valor, sinalizando sua

capacidade de raciocínio, seu direito amar e ser amada tal qual uma moça branca da época, nossa protagonista num ato de autoafirmação, embora concorde com as palavras de sua mãe, rejeita tal associação ao interesse de Jorge D'Antanho por ela. Nesta recusa, evidencia-se o perfil de uma mulher que não aceita ser manipulada, que rejeita os estigmas pejorativos e negativos impostos sua condição racial e que tem conhecimento e poder sobre o próprio corpo.

Os moços brancos, incentivados pelas famílias, conservavam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás das mocinhas negras, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a se fazer homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e das mulheres que trabalhavam em suas casas. Só que o tempo havia mudado. O mais comum agora era a sedução. Entretanto, havia aqueles que tomavam a força, o corpo da empregada que trabalhava com eles. Ouvei tudo que a mamãe dizia e sabia que ela estava com a razão, menos em relação ao Jorge. Ele era diferente de toda a sua família - pensei eu. E era mesmo. Dias depois, ele chamou meu pai e minha mãe e pediu para eles se poderia namorar comigo. O pedido foi feito dentro da minha casa, depois da minha mãe e eu fecharmos a tendinha. A guerra em minha casa foi suave, eu tinha de convencer os meus de que Jorge D'Antanho me respeitava e que eu não era nenhuma menina sem malícia, para perceber as más intenções dele, caso tivesse. (EVARISTO, 2016, p. 137-138)

Outro fragmento desta história que ilustra majestosamente a autorrepresentação da personagem desatando as antigas amarras da figura da mulher negra como objeto sexual do senhorio branco está quando ela afirma saber o que queria e isto a eleva sobre qualquer estigma que lhe sobrepusessem.

Jorge foi espremido contra a parede, que ele parasse logo com a história de namoro, que fizesse comigo o que quisesse, que montasse para mim uma casa, mas que não espalhasse essa idéia de namoro, de compromisso. Eu não era moça para tais propósitos. Ele, entretanto, sabia o que queria e eu também. A desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento. Nada de farmácia, nada de nada. Casamos poucos meses depois (EVARISTO, 2016, p.138)

A soberana Anastácia já quase no término de sua narrativa testemunha que não somente rompeu com as antigas tradições escravagistas, mas também foi precursora da mudança comercial do lugar, empreendendo a tal ponto de ascender a condição do pai e do marido que de empregado passou a ser patrão, dono de sua própria farmácia

A tendinha crescia e, com muito trabalho, fomos fazendo dela uma padaria. Tínhamos uma clientela própria. Conservamos o nome. Meu pai era também nosso aliado. Desde o momento que a família Duque D'Antanho soube do

namoro e Jorge comigo, meu pai foi mandado embora do armazém, em que ele trabalhava desde quando chegara em Rios Fundos. Sofreu muito, mas o sucesso da experiência autônoma de minha mãe trouxe pra ele uma crença de que seria possível. E foi. Não em Rios Fundos, mas na capital. Arranjou um serviço de zelador em um prédio da prefeitura local, ficava na cidade a semana inteira e voltava para casa nos fins de semana. A ausência dele doía principalmente em minha mãe, mas suportamos até o dia em que Jorge D'Antanho conseguiu montar a sua própria farmácia e meu pai veio trabalhar com ele. Rios Fundos crescia e pedia um aumento de todos os tipos de comércio. Havia trabalho pra todos. O poderio da família D'Antanho não acabou, mas, ao longo do tempo, foi ficando abalado... (EVARISTO, 2016, p.139)

Esta majestosa mulher infringiu todas as imposições falocêntricas, eurocêntricas e patriarcalistas que tentaram restringir sua expansão como pessoa, indo além, remodelando seu papel dentro da sociedade. Neste conto, Conceição Evaristo delibera que Regina Anastácia é rainha, é forte, é negra, é musa, é heroína, é romântica é conhecedora do seu valor e por isso ressignificou seus infortúnios entalhando na literatura uma nova imagem da mulher negra que merece ser conhecida e louvada.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde sempre as mulheres afrodescendentes possuem a prática da escrita, ainda que numa proporção menor a dos homens, entretanto, seus nomes foram ocultados do repertório literário feminino brasileiro e, por isso, não são consideradas e nem estudadas. Neste catálogo é possível identificarmos a predominância de obras hegemonicamente brancas e ainda que personagens negras tenham ganhado visibilidade, contudo podemos afirmar que levará algum tempo para que haja de fato uma quantidade significativa de obras afros assinadas por editoras renomadas.

A discussão que envolve a complexidade da mulher em sociedade e principalmente mulher negra esbarra em entraves antigos que se ergueram e mantêm-se de pé devido ao patriarcalismo que sustenta o cânone literário brasileiro. Escritoras como Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e tantas outras têm militado arduamente para dar voz e expressão a mulher negra não como um ser marginalizado como vinham sendo pintadas durante anos, mas como senhoras de si, que se assumem e querem ser vistas sem o embranquecimento tangente que lhe fora imposto. Rompendo assim o silenciamento da voz negra que mesmo "liberta" continua amordaçada por uma política e uma sociedade racista que lhes condicionam ao lar e a subalternidade.

Eis que surge uma nova literatura onde o discurso afrocentista tem voz e cuja identidade não é mais maquiada. Sua temática recupera e expõe a história do negro contrastando o protótipo que lhe fora inculcado dentro das narrativas escravocratas. Nesta nova diegese a escrita negra feminina, à passos lentos, porém bem firmados, recoloca o eu poético no cânone literário com todas as especificidades e significados ascendendo a figura da mulher negra a espaços nunca antes atingidos.

Acreditamos que esta pesquisa alcançou com êxito seu objetivo de mostrar por meio da literatura o rompimento da negra com a marginalidade, subalternidade, assim como sua ascensão e re colocação na história.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil – pensando a existência. Revista da ABPN, n.3, v.1, Nov. 2010-fev.2011, p.181-189.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo Difusão europeia do livro, 1961.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha (2008). **Representação da mulher negra na literatura brasileira**.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Rio de Janeiro; Malê, 2016. 142p.

Grau zero- Revista de Crítica Cultural, v.3,n.1,2015

MACHADO, Serafina Ferreira. Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança. Revista Graphos, Londrina, vol.14, nº2, 2012.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: **Usos e Sentidos**. São Paulo, Atica, 1986, p. 33-49.

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**, São Paulo; Ática, 1975. 123 p.

SILVA, V. B. Racismo em livros didático: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2010.

Disponível em: <https://exame.com/brasil/presenca-da-mulher-negra-na-literatura-ainda-e-pequena/> Acesso em: 07/06/2020.

Disponível em: ev. Educ., Cult. Soc., Sinop/MT/Brasil, v. 9, n. 1, p. 110-124, jan./jun. 2019. 124/ Acesso em: 18/06/2020

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/15-autoras-negras-da-literatura-brasileira/> Acesso em 25/06/2020